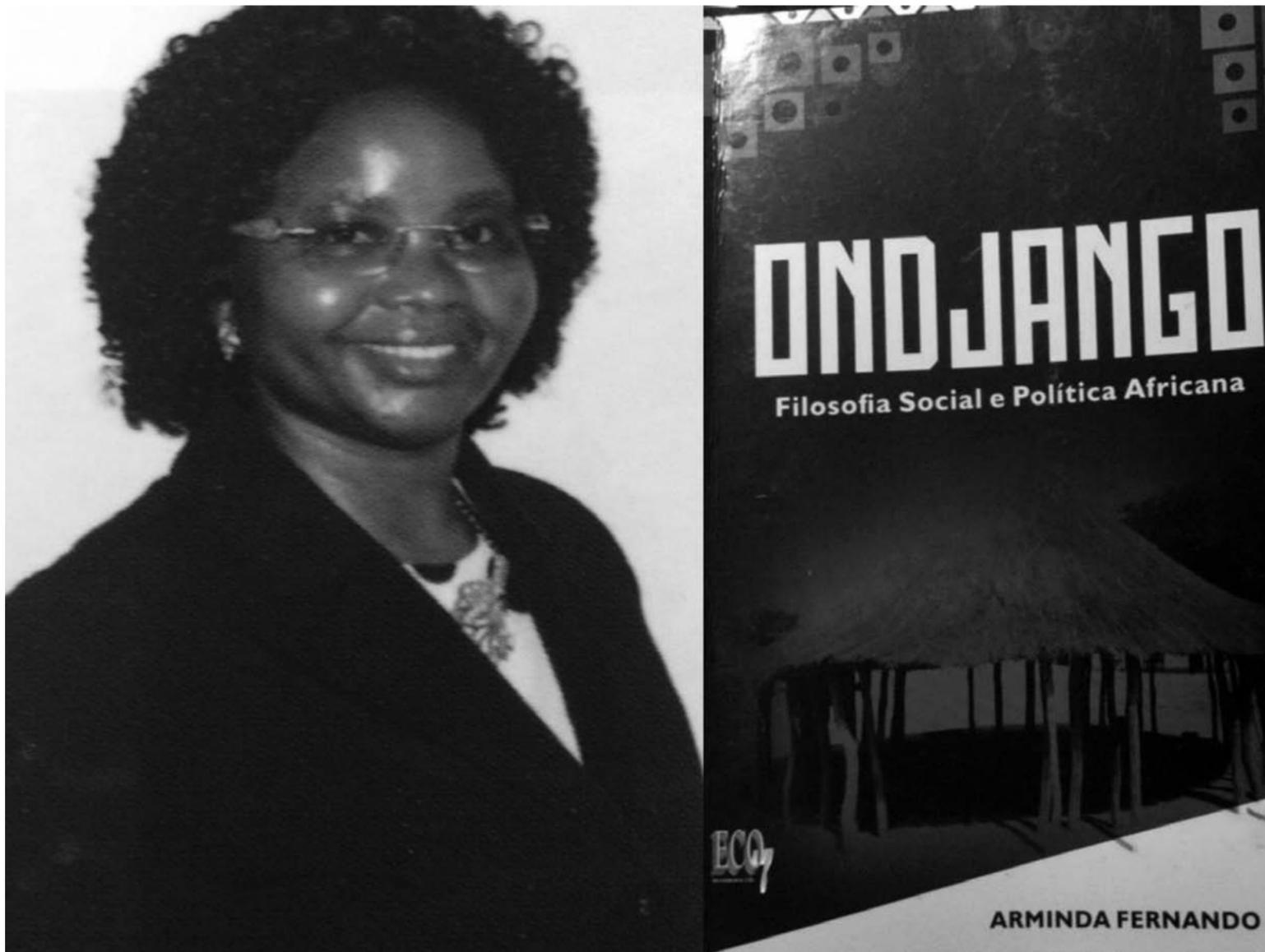


ARMINDA FILIPE E O PROBLEMA DO MÉTODO

Ondjango, um conceito da democracia deliberativa

Luís Kandjimbo /*

A filósofa angolana Arminda Filipe mereceu atenção no texto que dediquei à filósofa nigeriana Sophie Oluwole, ao tê-la integrado numa lista de autoras cujas obras fazem parte das minhas preocupações de leitura.

O ensino da filosofia e da argumentação tem sido instrumental para revisitar questões respeitantes aos problemas e métodos da filosofia no contexto africano. É uma actividade regular que me permite desenvolver reflexões sobre a moral, a política, a literatura, respectivas práticas e instituições. Vem isto a propósito do debate sobre o problema e o método que suscita a abordagem do conceito de “ondjango”, enquanto modelo institucional de democracia deliberativa e da ética argumentativa que deve orientar o comportamento dos agentes que intervêm nesses processos.

Em Angola, a filósofa Arminda Filipe é uma voz feminina que intervém no referido debate com o seu livro “Ondjango. Filosofia Social e Política Africana”, publicado em 2018. Trata-se de uma versão da sua tese de doutoramento. Natural da província do Cuanza-Sul, obteve a licenciatura e o mestrado em Filosofia na Universidade Católica do Porto, tendo-se doutorado pela Universidade do Porto. É certamente a primeira angolana doutorada em Filosofia.

Arminda Filipe elege como problema a instituição “ondjango”.

Para tal recorre à metodologia que lhe parece mais adequada, designando-a por “filosofia do ondjango”. Introduce a sua conversa argumentativa com a etimologia e compreensão do conceito-chave. Segue-se uma articulação em quatro capítulos dedicados à tematização da política, artes, filosofia comparada e contributos da “filosofia do ondjango para a filosofia social e política africana”.

Ao formular a proposta de problematização sobre o “ondjango” e seus equivalentes, a filósofa angolana lança as bases de uma reflexão filosófica concentrada em torno de quatro formas temáticas em que se analisa a sua manifestação: política, moral, arte e literatura.

Problema do método

O método com que se opera no tratamento da questão substantiva parece ser bastante eclético, “hermenêutico, expositivo-reflexivo, reflexivo-dialógico-crítico”. Procurando situar-se no contexto dos debates filosóficos registados no nosso continente, não faz opções perante as escolas que se disseminam pelas diferentes geografias linguísticas e regionais. A sua bibliografia não revela especial conhecimento de autores africanos, mas revela preocupações que remetem para a necessidade de estabelecer uma “reconexão com a tradição e a memória africana”, tal como diz o filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima. O facto de não

estabelecer qualquer diálogo com autores que se dedicam à “palaver” e à “palabre”, respectivamente, neologismo inglês e francês para referir uma instituição como o “ondjango”, a filósofa angolana junta-se ao debate consagrado ao espaço público e à democracia deliberativa e seu enquadramento no âmbito da filosofia do direito e da filosofia política. De resto, Arminda Filipe afirma categoricamente: “na filosofia oral do ondjango, não se concebe o indivíduo fora da comunidade”.

Do ponto de vista da filosofia comparada, devem ser convocados dois filósofos africanos, Bénèzet Bujo, democrata-congolês, e Jean-Godefroy Bidima, camaronês. A ética, a filosofia política e a filosofia do direito são três dos seus domínios de interesse. Bujo concentra-se à volta da natureza ética da instituição. Já Bidima desenvolve uma perspectiva jurídico-política, trazendo à conversa as discussões sobre a ética do discurso e a democracia. Todos esses domínios são campos equivalentes do “ondjango” com que se ocupa Arminda Filipe.

No entanto, o carácter dispersivo da abordagem não permite uma exploração argumentativa das potencialidades do método hermenêutico na sua vertente analítico-sistémica, por exemplo. A perspectiva analítica cuja vocação valoriza a linguagem teria permitido demonstrar a importância de uma filosofia africana que examina os

esquemas conceptuais no âmbito dos sistemas linguísticos africanos. Por isso, os limites do conceito de “ondjango” que Arminda Filipe invoca são avaliados à luz dos paradigmas ocidentais, quando a sua semântica, isto é, os seus significados requerem um conhecimento dos fundamentos antropológicos que sustentam o “ondjango” enquanto instituição.

O democrata-congolês Bénèzet Bujo e o camaronês Jean-Godefroy Bidima atribuem um valor nuclear ao uso da linguagem e à ética do discurso, tendo em conta a sua relação com a memória colectiva. Bujo refere como exemplo as práticas das comunidades Baluba da região do Kasai. Bidima traz os conceitos equivalentes das comunidades Beti e Fang dos Camarões para chamar a atenção do carácter patriarcal da liderança comunitária.

Conceito de “ondjango”

O conceito de “ondjango” que deriva da aglutinação de três termos, nomeadamente, “ondjo yo hango”, significando literalmente “casa da conversa”, designa uma realidade institucional sistémica. Por isso, partindo da análise do seu esquema conceptual à luz de um sistema linguístico bantu, é redutor confiná-lo à experiência de uma comunidade do Cuanza-Sul cuja língua é uma variedade dialectal regional, o Muebu da região do Ebo. Apesar de pertencer ao grupo etnolinguístico Ambundu, segundo

o ensaísta e investigador Sebastião Vinte e Cinco, a população do Ebo usa a variante dialectal Kibala, que na geolinguística angolana traduz a coexistência de duas línguas nacionais em contacto, o Kimbundu e o Umbundu. Assim se explica a consagração da instituição “ondjango” e a relativa importância do Umbundu na vida comunitária. Trata-se de uma unidade lexicómica da língua Umbundu equivalente a “Ocoto”, em Cokwe, e “Ocota” em Nyaneka.

Portanto, o facto de o conceito “ondjango” ter sido adoptado como vocábulo implica conhecer a dimensão substantiva da instituição, suas propriedades por força dessa incorporação. Tal fenómeno ocorre relativamente à apropriação de conceitos e instituições por diferentes comunidades étnicas. Uma outra ilustração verifica-se no domínio da “mukanda”, rituais da circuncisão e respectivos universos simbólicos, que, sendo originalmente Cokwe e Ngangela, foram adoptadas por comunidades de língua Umbundu com uma designação diferente, “ekwenje” ou “evamba”.

Como se percebe, é aí que se revela necessário explorar as virtualidades do método analítico aplicado ao esquema conceptual do “ondjango” e seus sentidos em contextos institucionais que os legitimam. Mas numa perspectiva comparada tal tarefa não impede que se conheça a tradição analítica da prática filosófica africana e os debates que mobiliza em África, em que se destacam filósofos anglófonos.

Tradição de discussão pública

As instituições como o “ondjango” formam o universo das experiências externas das comunidades angolanas com que se ocupa a antropologia social, política e cultural. E uma destas experiências externas é a tradição de discussão pública a que no mundo ocidental se chama “democracia”. Mas a génese dessa tradição não é monopólio da Europa. A filósofa angolana vem denunciar esta visão monista, ao afirmar que o “ondjango é um modelo de organização social cultural e política comunitária de alguns povos Bantu”. Mas adverte que o “ondjango está longe de ser apresentado como modelo ou de ser supervalorizado face à democracia em África”. Apesar disso, Arminda Filipe reconhece que o “ondjango apresenta-se como um contributo para a filosofia social e política africana, porque mantém o modo de estabelecer o contacto directo com o outro (...) é o espaço comum onde a pessoa aprende a verdadeira práxis de ter vez e voz, práxis político-democrática (...)”.

Portanto, a obra da filósofa angolana refuta o argumento falacioso do cientista político italiano Giovanni Sartori segundo o qual a democracia seria exclusiva criação da cultura e civilização ocidental, ignorando o pluralismo como pressuposto da condição humana. Por isso, inscreve a sua voz na linha problematizadora da filosofia social e política, sendo exemplar o debate sobre a democracia consensual e deliberativa em África, animado por Kwasi Wiredu e Jean-Godefroy Bidima.

**Ensaísta e professor universitário. M.Phil (Filosofia) e Ph.D (Estudos Literários). Email: l.kandjimbo@gmail.com*

LIVRO “ALJUBE SEM ÁLIBI”

Anselmo Vasco medita sobre a liberdade e a paz

“Aljube sem Álibi” é o título do livro de meditações de Anselmo Vasco que já está no mercado da cidade do Lubango. O foco da obra, segundo o autor, está na liberdade, “cuja chave é o pensamento e toda a atitude positiva para encontrar e preservar o que se entende por paz”

| EDIÇÕES NOVEMBRO

Arão Martins | Lubango

“Os desastres, as catástrofes, a corrupção, a infidelidade, a ambição humana, entre outros males, são cada vez mais crescentes e presentes no dia-a-dia e requerem inteligência e sabedoria para serem contornados. Não somos criaturas más por natureza, pois acredito, conforme descrito nas ‘Sagradas Escrituras’, que somos feitos à imagem e semelhança de Deus”, disse Anselmo Vasco ao *Jornal de Angola*, acrescentando: “parece que algum mal inundou o nosso ser, afectando negativamente todo um sistema individual e social, dividindo-nos. Em nós facilmente se percebe que temos uma metade do bem e outra do mal”.

No livro, explicou o autor, o leitor jamais encontrará um mundo de ideias novas. “Pelo contrário, encontra verdades que às vezes não queremos saber delas, porquanto somos prisioneiros de nós mesmos e de todo um sistema global que nos tem como marionetas”.

O mundo, referiu o escritor, parece estar dividido entre os senhores do bem e os carrascos. “Vivemos num mundo que é uma autêntica prisão, de gente complexa, pessoas narcisistas sem misericórdia e sem compaixão, encarecidas na fofoca, inverdades, amizades interesseiras. Procurei reflectir em tudo isso no livro, como forma de cultivar o amor ao próximo”.

Anselmo Vasco frisou que, actualmente, as pessoas estão mais presas às redes sociais, tomadas

pela revolução tecnológica e despreocupadas com a humanização e a dor do próximo. No seu dizer, está-se preso pela falta de dinheiro e pela sua abundância cega que leva à inexplicável necessidade de querer comprar o mundo. “Estamos presos ao conformismo de uma sociedade hipócrita e gananciosa em si mesma”, acentuou. “A ambição é visível até mesmo nas sociedades religiosas, transformadas em mercados da fé, que parecem autênticos fundos de investimento, onde quanto mais depositares mais receberás em troca, sem juros e com ‘payback’ garantidamente curto”.

Pensar a vida

Inúmeras vezes, disse Anselmo Vasco, o livro pára no tempo e, em monólogos, coloco-me a pensar na vida, no mundo, nas teorias e filosofias da existência humana, na lógica da humanidade e do Universo.

Sobre o mistério do princípio de tudo, da vida, do mundo e de toda existência, salientou Anselmo Vasco nas vestes de filósofo, alguns buscam resposta na religião, outros na mitologia e outros ainda nas diferentes teorias científicas. “No livro, não pretendo apresentar uma nova teoria sobre o princípio do universo, pois a religião, a mitologia e os grandes pensadores já o fizeram. Na verdade, temos a plena noção de que nascemos de uma mulher, somos fruto de um processo de gestação, e o cordão umbilical marca não só a cicatriz



da fonte da nossa vida, mas também a família que nos gerou, nossa origem, nossa história”.

Para Anselmo Vasco, a vida é “uma luta constante pela sobrevivência neste aljube sem álibi”. Mas, “independentemente de toda a negatividade envolta na nossa existência, o princípio acaba sendo um momento especial, único e talvez o de maior felicidade em nossas vidas”.

O autor salientou que os maiores

crimes de lesa humanidade são roubar, retirar, impedir, amputar e matar a infância. “É na infância onde tudo é mais simples e as dores se curam com um beijo de afecto, mimo, carinho e palavras bonitas”.

Precisou que quando se é criança, as diferenças ideológicas, a cor da pele, a bandeira partidária, o credo religioso e a situação política, económica e social são irrelevantes. “O que importa são os sonhos”, concluiu.

A edição inicial do livro “Aljube sem Álibi” tem uma tiragem de 1000 exemplares e 76 páginas. Anselmo Vasco, que é economista de formação, docente universitário e conferencista, tem uma forte propensão para a reflexão filosófica sobre a vida e o mundo. Publicou também os livros “Fiscalidade angolana – Fundamentos teóricos e práticos”; “Finanças Públicas – A ciência e a arte de gerir o erário público”; e “E entendendo o tempo – Mestre silencioso”.

EQUÍVOCOS DE BAR

Da curiosidade que mata o gato ou do gato que mata a curiosidade

Pedro Kamoroto

De que insumo ou matéria-prima é feito o inquietante bicho homem senão à imagem, semelhança e à medida das suas manias e grandezas? É no acto de inquirir que ele busca a compreensão e a incompreensão de si mesmo e do céu que orbita sobre a sua cabeça lunática

No princípio era o Verbo e o Verbo não tardou a se transfigurar em palavra humana.

Com o eclodir da democracia, uma das utopias hu-

manas mais bem consentidas pelo senso comum, muitos têm usado e abusado da palavra como artefacto da língua escrita ou de um outro artefacto - a linguagem verbal - para espalharem as suas crenças, mitos e ideologias como verdades absolutas ou universais. Mas quem detém a verdade? O crente, o descrente, o ateu, o agnóstico, o deísta, o pirrónico céptico? Deus-diabo ou Diabo-deus? Será que alguma vez a luz vestiu o fato da escuridão e a escuridão idem?

A alteridade não é a religião dos homens. Entre a

luz e as trevas, qual das duas é mais democrática? Quem tu preferes?

“Conhecerás a verdade e a verdade te libertará”. Qual verdade é uma arma poderosa de libertação e de emancipação? A verdade eivada de dogmas (ortodoxos ou estóicos) e de crenças que, de per si, excluem quem decidiu ir para o altar na contramão?

Nos tempos que correm, de quase entorpecimento generalizado, onde a mídia internacional de minuto a minuto, de segundo a segundo, dá carona a um vírus que muitos alegam ser o produto

da imbecilidade e do lado mais sombrio e seboso do ser humano, devemos estar atentos a todos aqueles que procuram espalhar o pânico mediante seus preconceitos, crenças e ideologias.

Num dia como se fosse hoje, numa das minhas religiosas andanças pelas terras santas do São Markos de Zuckenberg, um velho amigo perguntou para todos aqueles que fazem parte da sua rede de contactos se ele era o único que via que algumas pessoas, mormente os crentes, tiravam proveito da pandemia que assola o mundo. De

chofre disse-lhe que não era o único. Fui mais longe, dizendo que quando há doenças do género os iluminados, em nome de Deus vêm com aquele discurso da praxe, de que estamos nos dias do fim e que as profecias estão a ser cumpridas.

Um outro velho amigo, em tom de brincadeira, disse o seguinte: “Seu ateu incorrigível”. De seguida, desatei às gargalhadas. E o velho amigo retruca: “Vais arder no fogo eterno”. E eu como não tenho mbora papas na língua ou línguas na papa, retorqui nos seguintes termos: “Viver, ser

adulto, pagar as contas é já viver o fogo intenso do inferno. Gostaria de ser gato ou um outro animal de quatro patas para saber dos seus dilemas e contradições”.

O velho amigo, apesar da sua caturrice, acabou sendo domado e pediu-me para não lhe estragar a fé que está com ele. Fim de citação, fim de conversação.

Caros leitores: como não gosto que a curiosidade mate o gato ou que o gato mate a curiosidade, por motivos não alheios à minha vontade nem à do velho amigo, não vos direi de quem se trata.

PROJECTO ARTÍSTICO “UM ARQUIVO ANGOLANO”

Sandra Poulson premiada em Londres



| EDIÇÕES NOVEMBRO

A artista foi anunciada numa cerimónia em Londres, com transmissão online, na última quinta-feira, como vencedora do Prémio Mullen Lowe Nova 2020 com o projecto “Um Arquivo Angolano”, que reúne um conjunto de cerca de 200 peças sob a forma de textos escritos, imagens de investigação, vestuário, gravações de voz, desenhos, artefactos de madeira, instalação, fotografia, performance e vídeo



Sandra Poulson foi uma entre os 14 finalistas do concurso, seleccionados de uma lista final de 46 apurados num total de 1.300 alunos recém-formados na Central Saint Martins. O prémio garante aos estudantes formados uma plataforma de reconhecimento que os pode catapultar a uma carreira profissional no mundo da arte, da moda e do design.

Segundo o website da Central Saint Martins, uma Faculdade do Reino Unido de artes e design, considerada uma das melhores do mundo, Sandra Poulson apresentou uma seleção de itens domésticos comuns angolanos para discutir a relação entre a família e a memória social herdada da Angola colonial e da guerra civil. “Esta obra é um arquivo de informação explorado através de documentos, artefactos, vestuário, momentos, manchetes, tradição oral e dados históricos que definem a paisagem sociocultural, económica, política, étnica e cultural de Angola”. No conjunto, os itens são estudados “não apenas num nível material, mas principalmente numa perspectiva de cultura material”.

“Este projecto começou com uma viagem de pesquisa a Luanda, minha cidade natal, onde passei um mês capturando e me envolvendo com a vida quotidiana da cidade, desde os assentamentos informais até a baixa de Luanda”, disse Sandra Poulson.

O projecto evoluiu para a elaboração de protótipos e a confecção de artefactos em oficinas de madeira, fundição, metal e serigrafia.

“É uma sensação interessante, especialmente por ser um projeto que foi terminado depois da Covid-19 ter começado e de ficar a trabalhar em casa, a criar tudo. É interessante e muito gratificante saber que há mais pessoas que valorizam aquilo em que tenho vindo a trabalhar e que têm interesse na nossa cultura e na nossa vida e em como podemos continuar a progredir”, sublinhou a artista, citada pelo jornalista Raimundo Salvador na página do Facebook “Conversas à Sombra da Mulemba”.

Os vencedores foram encontrados online por um universo de votantes global. Os estudantes premiados foram contemplados com um montante em dinheiro para os ajudar na sua pós-graduação prática.

Praticante de moda e pesquisadora

Sandra Poulson apresenta-se como uma artista visual, praticante de moda e pesquisadora.

“O meu trabalho discute a paisagem política, cultural e socioeconómica de Angola como um estudo de caso para analisar a relação entre História, tradição oral e estruturas políticas globais”, afirmou a artista, numa comunicação. “Minha prática utiliza a família e a memória social herdada da Angola colonial e da guerra civil para dismantlar a Angola contemporânea por meio de estudos semióticos de objectos (culturais) comuns (...). O que atrai, inerentemente, as questões colocadas pela obra para a tarefa de descolonialidade”, acrescentou.

Sandra Poulson disse ainda que o seu corpo de trabalho revisita, recorrentemente, o corpo como espaço liminar de discussão, operando de forma interdisciplinar por meio de meios como a escrita, a fotografia, a hipernotação e a documentação, a mídia mista, a colagem, o desenho, a impressão, a performance e o vídeo.

“Tendo a moda como uma forma de investigação que reconhece os artefactos em estreita proximidade com o corpo, a minha prática se aprofunda na confecção e no extravio de roupas”, concluiu.

A artista cresceu em Luanda e mudou-se para Lisboa em 2013 para estudar Design de Moda na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Em 2014 foi para o Reino Unido estudar no London College of Fashion. Em Junho deste ano (2020) concluiu a formação em moda na Central Saint Martins. O seu trabalho criativo já foi exposto na Nigéria e no Reino Unido.



“O meu trabalho discute a paisagem política, cultural e socioeconómica de Angola como um estudo de caso para analisar a relação entre História, tradição oral e estruturas políticas globais”

ADRIANO MIXINGE

“Escrevo para despertar a consciência dos leitores”

A sensibilidade apurada de Adriano Mixinge para o universo feminino faz do livro “A flor de Mazozo ou a Festa dos Pássaros” um produto literário recheado de intermináveis emoções, sobretudo, para quem procura uma narrativa ousada e reflexiva. O autor demonstra, no seu quinto livro, em que reúne 11 relatos em 103 páginas, que o âmago feminino lhe fascina. Adriano Mixinge, como ele próprio o diz na entrevista que se segue, pertence a uma linha de escritores angolanos “para quem a literatura não é um meio para atingir outro objectivo que não seja conseguir espoletar no leitor um conjunto de reflexões e abordagens que lhe permitam analisar a realidade em que está imerso e, sobretudo, contribuir para que a literatura ajude a transformar positivamente a consciência do leitor”



Manuel Albano

Como define os relatos autobiográficos de uma mulher no seu mais recente livro? O que nos traz o livro “A Flor de Mazozo”?

O livro é um conjunto de onze relatos diversos escritos antes de 2002. Através deles, o leitor pode estabelecer um diálogo imaginário com a mítica figura do livro “Ocaso dos Pirilampos”, que, como se recordarão, é uma figura masculina poderosa. “A Flor de Mazozo ou Festa dos Pássaros” é também uma figura poderosa - no caso uma mulher - que no fim da sua vida olha para a história do país dos últimos 45 anos. O elemento que articula a história tem a ver com retratos autobiográficos da protagonista, que confrontada com o facto de ter sido acusada de feitiçaria pelos filhos e sobrinhos, decide fingir-se de maluca para sobreviver. Então, é “a louca lúcida” que reconstrói os factos do passado.

O objectivo do autor foi criar momentos de reflexão entre os leitores?

Efectivamente! Do mesmo modo que acho que um escritor deve ser um activo catalisador da liberdade individual, procuro também

estimular as capacidades de reflexão dos leitores, sem que percam a oportunidade para deleitar-se. Pertencço a uma linha de escritores angolanos para quem literatura não é um meio para atingir outros objectivos - de carácter político-partidário, por exemplo - para além da literatura em si mesma. A literatura deve conseguir espoletar no leitor um conjunto de reflexões e abordagens que permitam analisar a realidade em que está imerso, e, se possível, o ajude a transformá-la. O texto deve ter a capacidade de desfazer a barreira entre a realidade e a utilidade da literatura, contribuindo para criar e ou consolidar as bases para uma cidadania consciente.

Podemos sentir que o escritor consegue apresentar vários pontos analíticos no livro. Um dos aspectos da obra é a rememoração do passado para corrigir o presente...

Insisto: a literatura deve servir para ajudar a sociedade a pensar e a agir. Pensar no sentido de que, quando não contamos as coisas como foram bem feitas, podemos muito rapidamente esquecê-las e se não se tiver cuidado repeti-las, quando às vezes foram tão mal feitas

que interessaria actuar de outro modo.

Ao passo que, se a literatura servir para rememorar o passado, quer seja no seu lado mais nobre quer no menos nobre, isso nos faz estar conscientes daquilo que aconteceu e não ficarmos estupefactos a tentar perceber o que realmente aconteceu.

As coisas que acontecem são sempre consequência de um passado e esse conjunto de textos tem essa importância: há histórias que remontam aos anos imediatos ao pós-Independência Nacional (1975), como o relato “Com o Mundo nas mãos”, que retrata um incidente familiar quando uma granada explodiu dentro da nossa casa, para, através dele, falar sobre a importância dos militares, na época.

O livro não fala somente das memórias da protagonista. Fala-nos também de amor...

O livro apresenta-nos, igualmente, a reconstrução da história de amor entre Jacinto e Florinda, que se conheceram no antigo musseque Rebocho Vaz, actual Kassequel do Lourenço, num dia em que havia cinema ao ar livre, no areal situado no fundo das ruas em que viviam. Nesse conto, em particular, reinventei a história de amor de

uns tios meus, que marcou a memória da família.

Há, também, elementos no livro que abordam a transição do passado colonial para a independência, a reconstrução literária de um determinado contexto até aos tempos actuais e destaca o papel da mulher, com a protagonista a reivindicar um melhor posicionamento da mesma no tecido social. Nesse sentido, apresento uma visão do que herdei dos meus pais e, muito particularmente, da minha mãe e a importância que eles tiveram no seio familiar para a educação de todos os seus filhos.

O fenómeno migratório do interior para Luanda está muito patente no livro. Há uma razão especial?

Trago no livro a localidade de Mazozo por ser onde a minha mãe nasceu. Colocando-me no lugar dela, deve ter sido importante essa viagem que fez na década de 60, para a capital do país, quando aconteceu o movimento populacional do interior para o centro e a periferia de Luanda. O livro traz essa espécie de viagem de peregrinação, iniciática, de um âmbito rural para o urbano. O livro também é uma reflexão sobre a vida e a morte. No fundo, quero

imortalizar no sentido literário a história da protagonista da obra.

O espaço em que se move a protagonista tem uma carga nostálgica para o escritor. Por que razão?

Essa carga nostálgica tem muito a ver com o espaço em que eu e a narradora do livro nos movíamos. Nos anos que estive ausente do país, se existiram lugares que eu recordava muito bem e de que sentia inúmeras saudades eram as zonas do Rangel, as Bês, as Cês, o Caputo, o largo do Cine N’gola, os Blocos, lugares onde cresci entre os oito e 11 anos: foi naquele espaço, diferente do que é hoje, que comecei a minha adolescência. E, claro, tudo isto participa da visão que tenho hoje sobre a vida. Por outro lado, tenho igualmente uma relação muito especial com a natureza, porque sempre cresci e vivi em ambientes rurais. Daí esta relação muito forte no sentido literário com os relatos da obra: em Cuba, eu estudei em escolas secundárias básicas, no campo, e a “Flor de Mazozo” vem do mato.

O livro já está disponível para os leitores?

A editora Mayamba está a

estudar a possibilidade de se fazer uma apresentação pública do livro, respeitando as normas de biossegurança em tempo de pandemia da Covid-19. Não sou muito de fazer cerimónias públicas, mas o livro já está disponível ao público na livraria da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto e no Memorial Dr. António Agostinho Neto. Por exemplo, o meu anterior livro, “O Beijo da Madame Ki-zerbo”, não foi apresentado publicamente, apenas foi posto a venda. Neste momento, quem quiser adquirir outros dos meus livros pode fazê-lo através do site da livraria Kiela, do escritor Ondjaki, livraria essa que também tem um serviço ao domicílio para a zona centro de Luanda.

Evidentemente, no caso da obra “A Flor de Mazozo”, a editora Mayamba acha importante a realização de um encontro com o público para provocar leitura ao texto e uma conversa entre autor e leitor que acho que pode ser interessante, na medida em que pode ajudar a conhecer melhor tanto o autor como a obra publicada. Este é o melhor prémio que um autor pode ter. Não escrevo para prémios, mas sim para despertar a consciência dos leitores.

“A Flor de Mazozo” e a literatura como forma de emancipação social

Manuel Albano

Todas as semanas, quando Adriano Mixinge escreve as crónicas que publica na coluna “Na alva das ideias” deste jornal, parece transportar os leitores para os passados mais misteriosos, menos sistematizados, ainda por descobrir, para as vidas que mais se metamorfoseiam e para os acontecimentos e as análises mais disruptivas: e nesse exercício, ele traz e refaz também o presente e o futuro, o que já chegou – como se fossem um puzzle de palavras, ideias e universos que vibram ao ritmo das nossas pulsações mais íntimas. A realidade é dissecada em cada parágrafo: inesperados fluxos de reflexão e de questionamento se abrem estimulando o leitor.

Ao analisar os relatos da obra literária “A Flor de Mazozo ou a Festa dos Pássaros” de Adriano Mixinge, notamos que não se propõe a um exercício simples: na sua narrativa, os localismos e a visão cosmopolita andam de mãos dadas. É isso que torna surpreendente a narrativa do autor.

Assim, quem se atrever a ler este livro pode ter a certeza que estará “tramado” – e ainda bem: porque será transportado, seguramente, para uma viagem infinita, com múltiplos acontecimentos e realidades antagónicas, em que cada um pode ou não se rever. Cada relato pode ler-se por si só, mas, seguramente, todos os



relatos do livro terminam sendo um único relato, um espaço de emancipação individual e colectiva.

Inúmeras razões fazem-

nos aconselhar a ler o quinto livro de Adriano Mixinge: nele, o autor mergulha no íntimo da mulher, apelando a um sentido estético apurado,

socorrendo-se tanto de uma linguagem “arrojada” como de uma “narrativa plurivocal” – com vários narradores, para fazer acontecer as coisas como

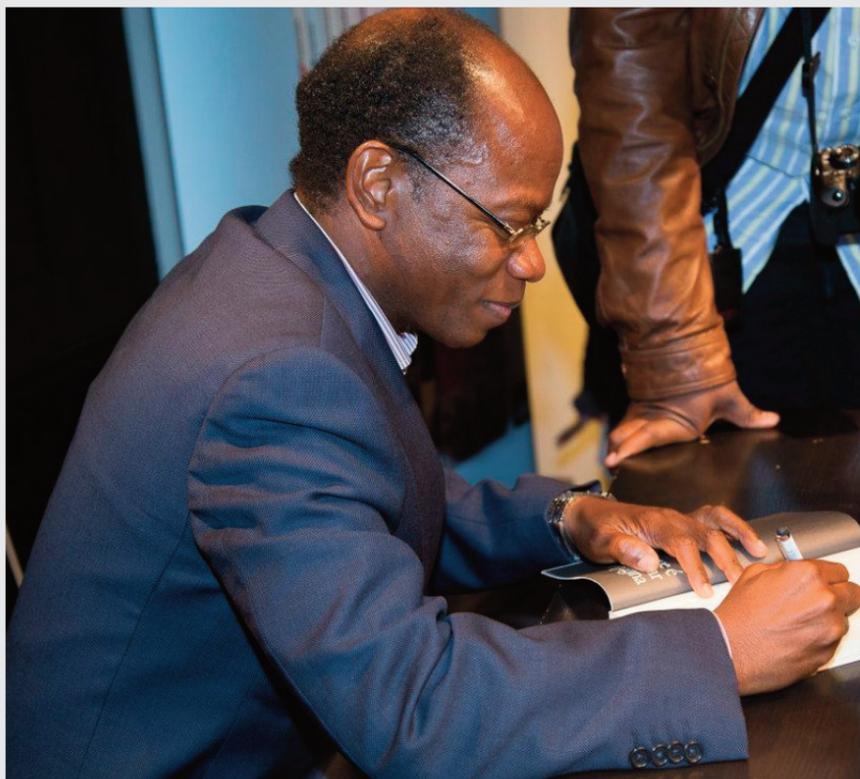
na própria realidade, na vida e na história.

Neste sentido, Adriano Mixinge “ancora-se” muitas vezes em relatos detalhados para falar do processo migratório do campo para a cidade, nos anos 60 do século passado, da continuidade humana e da transmissão de valores entre várias gerações. Ou seja, o livro aborda os desejos intermináveis do passado de uma mulher vinda das zonas rurais para a grande cidade: este é o pretexto utilizado pelo autor para reivindicar a valorização do contributo da mulher na sociedade.

No entanto, as lembranças do passado permanecem intercaladas nos relatos como, em todas as manhãs, a flor precisa de estar ao sol para sobreviver. Os lugares, na memória da personagem principal, mantêm-se sempre presentes: ora no despertar efervescente de uma juventude ávida de “tudo” experimentar, ora para fazer uma analogia entre o mundo virtual e o mundo real.

Nos relatos, o autor traz para os amantes da literatura uma narrativa testemunhal, quase biográfica, destacando vários contextos da história do país: os conflitos armados antes e após a independência; o empoderamento feminino num mundo dominado pelo machismo faz, no livro, a sua desforra; a procura de um lugar na sociedade e a busca da satisfação carnal e espiritual ajudam a caracterizar e a compreender a personagem principal.

“Uma borboleta com a idade da história de Angola”



Ao atribuir a responsabilidade de escrever o posfácio do seu quinto livro “A Flor de Mazozo ou a Festa dos Pássaros” à jovem escritora Cíntia Gonçalves, membro do Círculo Literário e Linguístico Litteragris, Adriano Mixinge procura partilhar experiências literárias geracionais. “Dentro dos condicionalismos impostos pelas particularidades do texto literário”, Cíntia Gonçalves, que decidiu intitular o posfácio “Uma Borboleta com a idade da História de Angola”, refere o seguinte: “A obra literária que vislumbramos enchemos de satisfação por ser das poucas, na literatura angolana, que se centraliza na pessoa da mulher, trazendo a presença de personagens femininos com opiniões contrastantes e cheias de matices, e a exposição de dialécticas contraditórias, o que representa uma tocha acesa sobre a valorização do pensamento feminino na literatura angolana”. Adriano Mixinge – continua a autora do posfácio – “com a sua já

consagrada visão do mundo traz-nos em ‘A Flor de Mazozo ou a Festa dos Pássaros’ o olhar passivo, que deambula por um passado ressentido e com indefinidos sentimentos de culpa. Com a sua mais recente proposta literária, o escritor que se tem mostrado observador e crítico, vagueia por um universo alheio, mesclando-se com a idade da História de Angola”.

Com os seus relatos, segundo Cíntia Gonçalves, o escritor “mostra-nos um tópico erótico ou, simplesmente, a visão substantiva da relação íntima e ideológica da mulher com os seus desejos aprisionados, trazendo à tona todo o potencial sexual criativo, isto é, o poder de criar uma nova maneira de nos relacionarmos connosco”. O autor, diz a posfaciadora, deixa transparecer “linhas de pensamento perversas e de succulentas orgias” através da figura da Flor de Mazozo”, sendo “a primeira vez que na literatura angolana se dizem as coisas que estes relatos dizem”.



PERFIL

Adriano Mixinge (Luanda, 1968) é historiador, curador e crítico de arte.

Licenciado, em 1993, pela

Universidade de Havana (Cuba). Foi investigador no Museu Nacional de Antropologia, em Luanda, editor cultural do Jornal de Angola e comissário na I Bienal de Arte de Joanesburgo (1995).

Desde 2003 é membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

Autor do romance “Tanda” (Edições Chá de Caxinde, 2006). No ano de 2014 publicou o livro “O caso dos Pirlampos” com a chancela da editora (Guerra e Paz.

Lisboa), com o qual recebeu o prémio literário Sagrada Esperança em 2013.

Publicou igualmente o livro de ensaios sobre arte “Made in Angola: arte contemporânea, artistas e debates”, pela editora L’Harmattan, Paris, em 2009, onde reúne 35 ensaios sobre a arte africana

contemporânea e a propósito da obra de alguns dos mais importantes artistas angolanos. Com a editora Guerra e Paz publica “O beijo da Madame Ki-zerbo” (Lisboa), que reúne 36 crónicas

publicadas no Jornal de Angola entre 1999 e 2007.

Foi Conselheiro Cultural nas embaixadas da República de Angola em França (2002-2011) e no Reino de Espanha (2011-2018): nessa condição organizou em Novembro de 2008 os projectos “Angola, mon amour”, no Museu do Quai Branly, em Paris e “Angolana”, uma apresentação da arte e da cultura angolana, em Madrid.

Actualmente é um dos administradores executivos do Memorial Dr. António Agostinho Neto. Assina todas as terças-feiras a coluna “Na alva das ideias”, neste jornal.



P. GILROY, A. MBEMBE, B-H. LÉVY, S. SANDFORD E H. BHABHA

Diálogos sobre a pandemia

A pandemia Covid-19 para além de nos ter concentrado no auto-cuidado e no cuidado do próximo, colocou-nos perante alguns desafios existenciais e novas oportunidades comunicacionais. Dentre estas destacam-se as conversas 'live' através de diversas plataformas digitais que nos permitem a interação à distância

Ana Koluki /*

Ao longo dos últimos meses, sem termos que sair de casa, muitos quartos, salas, portas e janelas se abriram 'online' para conversas sobre os mais diversos, entre pessoas situadas em cidades, países e continentes diferentes, quebrando virtualmente o confinamento a que fomos submetidos. Das muitas conversas a que pudemos aceder durante este período excepcional da vida da Humanidade, duas me pareceram especialmente relevantes para este momento histórico e merecedoras de um registo impresso e tradução para partilha mais ampla – quanto mais não seja porque uma barreira comunicacional ainda não completamente ultrapassada a nível global é a linguística. Ambas envolveram filósofos conversando sobre os desafios existenciais que esta pandemia colocou a todos nós. Separadas no tempo por algumas semanas, a primeira ofereceu-nos uma reflexão entre Paul Gilroy na Inglaterra e Achille Mbembe na África do Sul, enquanto a segunda nos propiciou um debate entre Bernard-Henri Lévy (BHL) em França, Stella Sandford na Inglaterra e Homi K. Bhabha nos EUA.

Centrar a conversa em ambas as 'salas', foi a questão de, perante esta conjuntura ('conjuncture', no sentido do teorista cultural Brit-Jamaicano Stuart Hall: "um conjunto de tendências convergentes e divergentes moldando a totalidade das relações de poder num dado campo social durante um particular período de tempo, que se expressa por uma configuração específica de eventos políticos, económicos e psicológicos, compondo uma intersecção de emoções e identidades") constituída pela pandemia, o movimento 'Black Lives Matter' (BLM) e a ascensão do popu-

lismo no Ocidente, que tipo de intervenção se pode esperar da Filosofia e das Humanidades? Essa questão foi predicada nas perguntas que o filósofo francês Michel Foucault formulou e tentou responder em 1982: "O que está a acontecer neste preciso momento? O que nos está a acontecer? O que é este mundo, este período, em que estamos a viver?". Então, como pensadores contemporâneos respondem às mesmas perguntas em 2020 e como nos podemos guiar na miríade de incertezas com que nos confrontamos neste momento?

Stella Sandford sugeriu-nos dois tipos de abordagem dessa questão: 1. A abordagem anglo-americana da filosofia, a filosofia aplicada – adoptando modelos existentes aos problemas com que nos confrontamos, e.g. em ética dos cuidados de saúde; 2. A tradição filosófica europeia continental, que é mais abrangente e preocupada com o significado: qual o significado da pandemia para nós, como seres humanos, como seres histórico-sociais, fundamentalmente dependentes uns dos outros e das nossas comunidades? Neste caso, como é que este episódio, essencialmente contingente e em si próprio insignificante em termos históricos, nos leva a reflectir sobre como criamos significado a partir dos eventos. Sendo que, nesse processo, a pandemia também propicia as condições nas quais o tipo de impulso filosófico demótico pode tomar o controlo e qualquer pessoa interessada na sua própria vida passa a fazer essas perguntas, pelo que todos nos tornamos filósofos acidentais.

Evocando Senghor

Para uma outra abordagem, mais africana, da mesma questão, voltamo-nos para a sala em que conversam Paul Gilroy e Achille Mbembe. Eles

abordam-na a partir da obra de Senghor, que várias décadas atrás convocava o mundo para o 'rendez-vous du donner et recevoir' (o encontro, ou compromisso, de dar e receber) com África, que se tornou imperativo durante esta pandemia, especialmente perante o movimento BLM. Para Mbembe, a relevância da obra de Senghor para a abordagem do momento presente provém da sua dimensão estética e espiritual na concepção do que significa ser negro: "Ela é ainda mais necessária nestes tempos em que vivemos, quando o negro e o seu corpo estão novamente na cruz. Assim, gostaria de me apegar a essa dimensão poética e ao aspecto insurreccional da poesia de Senghor, que não foi levado em consideração tanto quanto deveria (ofuscada que foi pela sua trajectória política enquanto presidente do Senegal). Então temos que fazer esse trabalho de recuperação e o conceito de 'le rendez-vous du donner et du recevoir' deve ser entendido de dentro dessa perspectiva mais ampla – sobre o compartilhamento do mundo, como podemos moldar o nosso mundo compartilhado e viver na terra uns com os outros. E isto é, parece-me, absolutamente crucial para os tempos em que vivemos."

Na outra sala, Bhabha diz-nos que a pandemia e o distanciamento social colocaram-nos num estado de indagação, tanto filosófica como poética, que o levou a reflectir na metáfora de Levinas sobre a vida e a morte como o 'cuidado do vizinho' – passando a cozinhar tendo sempre em mente os seus vizinhos, ou outras pessoas que poderiam precisar de ajuda, de uma forma que não fazia antes, assim ecoando o 'compromisso do dar e receber' de que falavam Gilroy e Mbembe: "A partilha de comida tornou-se muito importante para

mim. E também as reflexões filosóficas sobre o que chamo a 'impreparação'. Sobre o estado de impreparação em que nos encontramos para algo que tem uma longa história, sobre a pandemia ou sobre mortes pela polícia, especialmente a de George Floyd – aqueles oito minutos foram muito especiais sobre pequenos momentos no tempo e o seu significado na História."

Essas questões da 'impreparação' e da 'alteridade' (vista como uma projecção das nossas necessidades individuais nas do vizinho, da comunidade, ou da sociedade) provocaram um interessante debate entre Bhabha e Lévy. Para este, que acaba de publicar a sua mais recente obra ('O Vírus em Tempo de Loucura') – uma abordagem da pandemia como um fenómeno social, que diz ter escrito num impulso de 'raiva' contra duas 'loucuras': a da 'negação' do vírus (neurose) e a da 'ultra-reacção' a ele (psicose) – "Não há um antes e depois da pandemia, não se trata aqui propriamente de um antes e depois de Cristo, nós estamos sempre impreparados para eventos remarcáveis, porque sempre que algo novo acontece não estamos preparados. Por outro lado, uma das coisas que aprendi com Foucault quando fui seu aluno, foi sobre a especificidade de cada luta, de cada combate, a não misturar as coisas. Eu apoio o BLM, mas temos que resistir à ilusão de convergência, ou comunalidade, de lutas, se queremos ser sérios na luta contra o racismo, contra a pandemia, ou contra a violência sobre as mulheres. E para Levinas, na sua filosofia da visão ética do mundo, quando estamos a cozinhar para os nossos vizinhos, não devemos esquecer os outros vizinhos que estão muito longe, o vizinho para quem cozinhamos não é só o da porta

ao lado, pode ser o que está no fim do planeta e você tem que tentar, é muito difícil mas tem que tentar, tratá-lo como se ele estivesse tão perto como o da porta ao lado – esta é a dificuldade que tendemos a esquecer."

"Claro que nós estamos impreparados", replica Bhabha, "mas devemos ser muito específicos, no sentido de Foucault, sobre o que significa estar "impreparado": cada momento e evento deve ser pensado na sua singularidade e especificidade, mas o tempo histórico, ou filosófico, de reflexão, tende frequentemente a tratar momentos de emergência simplesmente como protestos e subitamente a velha história do reformismo ressurge. Penso que este período em que temos estado em isolamento focou-nos em pensar nos momentos de emergência. Há duas formas de pensar isto: 1. Existencial – o momento (e.g. de tristeza, como em Platão), e esse momento existencial/fenomenológico tem que ser reconhecido; 2. Político – este é um momento de etno-nacionalistas, muitos deles homens que não têm carisma, mas apenas criam miasma e esse miasma cria uma cidadania que é continuamente mantida em estado de impreparação. A ideia de risco entre a vida e a morte é central à noção de impreparação, quando pensamos em relaxar o isolamento. O risco é simultaneamente propiciador e problemático, e Fanon falou sobre isso, Baldwin também: você tem que assumir o risco. A questão do cuidar é muito importante, entre o eu e o outro. Os refugiados têm vindo a viver isto desde sempre: vida e morte, esperança e desesperança tornam-se muito próximas. A noção do paradoxo entre proximidade e alteridade não significa aqui apenas uma no-

ção pluralística de outroridade, mas reconhece a diferença dentro do próprio eu e dentro de um grupo."

O vírus como questão metafísica

"O vírus é apenas um vírus – não tem outro significado ou função senão propagar-se, contagiar e matar. O vírus desferiu um golpe na nossa metafísica mais profunda, mas o vírus não é uma questão metafísica", afirma Lévy, que tende a ver essas questões de uma forma, diríamos, mais prosaica, menos dramática.

Já para Bhabha "a dualidade vida/morte tornou-se parte do discurso público. Usar uma máscara não é apenas sanitário é também ético. Não estou a dizer que deveríamos usar este momento metafisicamente, mas este é um grande momento para o pensarmos metafóricamente e sintomaticamente, porque o BLM se tornou parte desta pandemia.

Em relação ao distanciamento social, a alteridade em Levinas não tem que ser geográfica – é uma alteridade ética, tal como aconteceu nos protestos: nós estamos a viver num contexto, quando somos instados a distanciarmos socialmente, em que a questão de vida e morte se torna constante. Este é um grande momento para se pensar precisamente sobre como a vida pública e a morte pública se intersectam de uma forma muito mais gráfica e errática. Portanto, qualquer abordagem filosófica ou política tem que se basear nessa questão. Foucault falou em especificidade, mas também falou em epistemologia: esta 'conjuncture', segundo Hall, ou esta particular convergência do momento da pandemia e do momento do BLM – note-se que o inquérito global Pew mostrou que exactamente a mesma quantidade de pessoas que estavam preocupadas

com um, estavam preocupadas com o outro –, se você não vê aqui a convergência entre os dois, então você está a perder a singularidade e especificidade do evento. O evento é global e temos que vê-lo dessa forma. Vemos murais feitos por pessoas à volta do mundo falando não apenas de morte física, mas de morte social, como ataques aos migrantes, etc.”

Neste ponto, voltamos à conversa entre Mbembe e Gilroy, onde este retoma Senghor e a sua preocupação fundamental com o ritmo: “Para ele, a particularidade do ritmo na vida dos negros é atribuída não apenas a um mundo externo – às marés, ao ritmo do dia e da noite, à existência de duas estações no ambiente africano – mas também ao ritmo dos batimentos cardíacos, ao pulso da vida no corpo e ao ritmo da respiração. Portanto, esta questão do ritmo do respirar, o ritmo da vida, o ritmo do sangue no corpo, o ritmo das marés e assim por diante, esse é um componente fundamental do seu imaginário. Então, da mesma maneira que ele convoca, como muitos da sua geração, uma concepção diferente de política, pergunto o quanto essa ênfase na respiração é importante para você em seu pensamento no momento?”

Mbembe: “Isso está subjacente no meu trabalho. Eu encontrei pela primeira vez esta questão da respiração através da minha própria mãe, de quem entendi que, no contexto africano, o ar ou a respiração está no começo e no fim da vida. Eu também o encontrei no trabalho de Fanon – Fanon fala constantemente sobre respiração, e as últimas palavras de Eric Garner, de George Floyd e inúmeras outras vítimas da violência policial parecem repetir quase palavra por palavra esse léxico eólico: ‘Não Consigo Respirar’. Esse é um tema que sustenta a poesia de Senghor, na qual está profundamente correlacionado estruturalmente com a temática do ritmo, e por trás do ritmo do curso da música, do que ele chama de participação. Parece-me que a ideia de ritmo, respiração e participação em Senghor, em particular, nos levam a uma compreensão da vida em geral como, por definição, ‘bio-simbiose’ – bio-simbiose no sentido de uma ênfase nos pontos em comum que todos os seres humanos compartilham um com o outro, mas também com outras espécies.

Eu escrevi uma peça intitulada ‘O Direito Universal à Respiração’ pouco antes da morte de George Floyd, e no contexto da Covid, porque o que estamos testemunhando, ou o que se tornou ainda mais claro para a nossa mente desde a morte de Floyd, é o entrelaçamento, a combinação, eu diria, de duas histórias: a da Covid e a disparidade racial de mortes que provocou, e histórias de violência racialmente motivada – ambas as histórias têm, em todo o lado, me deixado ainda mais consciente sobre a importância da luta pelo ar, a luta pela respiração, que faz parte da nossa tradição e das nossas reivindicações.”

Direito Universal à Respiração

Assim, pensando no direito universal à respiração como um direito humano, regressamos à outra sala, onde Bhabha nos lembra que a Declaração Universal dos Direitos Humanos é baseada na noção de nascimento: “Dignidade é algo que todo o ser humano adquire em virtude de ter nascido.

No meu novo livro eu pergunto: e se invertéssemos isso, se pegássemos na morte, de certa maneira, e obtivéssemos através dessa ‘ontologia negativa’ (como Fanon o colocou, ou ‘moção negativa’, como o colocou Baldwin) o que emergiria? O que teria a morte a ensinar-nos sobre a vida? Porque normalmente nós pensamos essa questão ao contrário.” Lévy nota, a esse propósito, que a partir dos seus estudos de pandemias passadas, a ideia de que ‘a vida é sagrada’ nunca foi expressa tão fortemente como neste momento:

“Pela primeira vez na história das pandemias, a preocupação com a vida tem estado na linha da frente em detrimento da economia e isto é novo, é certamente um progresso. Agora o que o filósofo tem que fazer é invocar a ideia de que ‘a vida é sagrada’ quando não é só a vida que está em causa: nós não somos animais ou flores, somos seres humanos e a vida para um ser humano significa todo o con-



junto de órgãos, obviamente, mas também de sentimentos, de sociedade, de interação com os outros, etc. O papel do filósofo aqui é dizer: o distanciamento social é aceitável de momento, mas não para sempre.”

Na outra sala, Gilroy indaga “como construímos ou contribuímos para a vida de formações políticas adequadas à tarefa do universal – de exigir o direito universal de respirar e atualizá-lo; porque essas coisas costumam ser tão

localmente configuradas que é difícil avançar ou sair daí para uma configuração mais diaspórica, um movimento vago, com uma possibilidade planetária.” Ao que Mbembe responde: “Se entendermos o que está a acontecer enquanto falamos, é claro que tudo isso é muito local, mas também tem necessariamente uma dimensão transnacional. Floyd foi morto numa calçada no Minnesota, mas a sua morte reverberou por todo o planeta; as pessoas

ainda protestam aqui na África do Sul, não apenas contra o que aconteceu com ele ali, mas também aqui neste momento neste país. E tudo começou com um testemunho – não sei se teríamos o que está acontecendo sem o vídeo gravado por aquele jovem. Então, a questão de um direito universal de respirar, provavelmente começa com coisas assim, como testemunhar todos aqueles pequenos casos em que alguns são, por assim dizer, expropriados da sua respiração. Continua depois com a demanda por justiça. Mas quero insistir nesse elemento de testemunhar, porque é muito difícil alguém negar que o racismo existe. Em algumas partes do mundo, a negação do racismo ainda estava viva, as pessoas não acreditavam que ele existisse. Portanto tornamos impossível, através de certas formas de testemunho, para muitos negar que o racismo existe, dizer que é apenas um acidente, que não faz parte de uma estrutura. Para mim isso faz parte da prevenção de que muitos sejam expropriados da sua respiração. E esses pequenos actos são tão importantes quanto o que Fanon estava fazendo através da sua própria prática médica; de facto, parece-me muito difícil, nesta nossa era, desvincular actos médicos de actos políticos.”

Brutalismo, objectificação e afro-pessimismo

Gilroy acentua que “A Covid-19 não é o primeiro evento planetário, porque os seres humanos convivem com epidemias por um período muito longo e elas moldaram a história do colonialismo, do imperialismo e a dominação europeia do planeta de uma maneira muito peculiar que, às vezes, é negligenciada. Mas parece ter havido um limiar planetário na maneira como esse espectáculo de crueldade e horror e o seu carácter sistémico – o facto de se estender à vida de tantas populações que normalmente não estão num tipo de relacionamento em rede para além dos prazeres da cultura de consumo – descontinua essa resposta muito vívida, muito visceral, é algo notável. Pelo que sei do seu novo trabalho sobre essa questão do ‘brutalismo’, talvez você tenha antecipado algumas dessas possibilidades. Para mim, a questão do ‘bruto’ é uma questão fundamental, porque no idioma inglês ‘bruto’ é uma palavra que pode ser aplicada aos seres humanos, à vida animal e também ao que Du Bois chamou de ‘tertium quid’, a terceira coisa, que fica em algum lugar alojada entre os dois. Essa figura do ‘bruto’ como essa entidade ambígua, para o problema que você está explorando, reporta-nos a uma história mais longa – a da objectificação do negro. E isso – acho que temos que lidar com isso por causa da importância desse argumento de objectificação no momento – é tão poderoso e fundamental para a análise da visão afro-pessimista desses processos. Agora, a sua ênfase no ‘brutalismo’ parece romper com isso de uma maneira interessante – estou levando isso longe demais ou há continuidade aí também?”

Mbembe: “Comecei com a ideia do brutalismo, como foi exposto no movimento arquitectónico da Inglaterra, em particular, mas também em outros lugares, durante a segunda metade do século XX. Eu estava muito interessado nas maneiras pelas quais nesse movimento a ‘matéria’ era central; o termo em francês é ‘le béton’ (o betão, o concreto). E nas várias tentativas de se definir os tempos em que estamos, parece-me que, ao redireccionar o termo brutalismo, talvez possamos estender essas definições clássicas do momento e dar-lhe uma arca. E claro, também na sua

dimensão racial existe uma genealogia, há uma longa história de remodelação pela força, de exaustão, de esgotamento das energias físico-psíquicas e de, basicamente, reinventar o humano – ou as formas humanas em geral. Essa é a trajetória do meu uso do brutalismo.”

Gilroy: “Para que o duplo movimento, então, do devir artificial da humanidade e do devir-humano das máquinas seja contrastado no trabalho, como eu o entendi, com uma sensibilidade diferente a formas simbióticas ou complexas de interdependência estabelecidas entre o tipo humano e todas as variedades de vida. É uma linguagem que me parece infundida de uma certa espiritualidade africana, que nos leva, suponho, de volta a Senghor e onde começamos. Lembro-me também de que ele e Levinas nasceram no mesmo ano, portanto, muito do selo em seus pensamentos ou da ressonância que vemos nos seus trabalhos, por mais que desejássemos criticar os dois, é em certo sentido uma espécie de manifestação da sua experiência geracional e exposição aos horrores do século XX. Então, vamos falar um pouco da africanização desse sentido simbiótico?”

Mbembe: “Sim, e de como não aproveitamos os recursos provenientes do continente africano, os ricos recursos conceptuais que a África ofereceu ao mundo em geral, em muitas disciplinas diferentes. O que seria ‘fetichismo’ no pensamento marxista da antropologia sem o continente? Qual seria o ‘fetiche’ na psicanálise sem o continente? Então, o ponto é que ainda há muito a extrair a partir daí.” Gilroy: “E não menos importante, já para não falar do fetichismo das estátuas...” Mbembe: “Exacto, já para não falar do fetichismo das estátuas!... Mas há um capítulo em ‘Crítica da Razão Negra’, que para mim é realmente o capítulo fundamental de todo o livro, chamado ‘Réquiem para o Escravo’, que é uma tentativa de repensar de maneira dinâmica o que a objectificação pode significar. Esse capítulo foi realmente uma tentativa de debater com os chamados afro-pessimistas sobre a questão da morte social ou da objectificação, mas neste caso, em primeiro plano, usando recursos conceptuais vindos do continente para responder a questões nucleares como:

o que queremos dizer com um objecto? Como repensamos a morte politicamente, bem como, a esse respeito, teológica ou espiritualmente?”

Gilroy: “Hoje em dia muitas pessoas têm relido Camus, pensando em ‘La Peste’, mas talvez estejam menos sensíveis às suas provocações sábias e ponderadas em relação ao valor do futebol – isto a propósito do que parece uma súbita tomada de consciência política por parte de futebolistas internacionais africanos nesta conjuntura. Antes de morrer no acidente de carro, uma das últimas coisas que Camus escreveu foi que ‘tudo o que sabia com certeza sobre moralidade, sobre dever, devia-o ao futebol.’”

Camus e Beauvoir

O que nos leva de novo à sala onde está Sandford, que também fala do confronto de Camus com a morte e explora o que acontece a uma sociedade quando temos todos que pensar globalmente sobre a morte: “Em termos da filosofia existencial clássica, nós temos que confrontar a ideia de morte em vez de a evitarmos – a vida é melhor vivida perante a admissão da sua finitude. Simone de Beauvoir questionou o que é ser mulher e transformou criticamente aspectos existenciais e fenomenológicos da ontologia, desafiando ângulos do existencialismo em direcções não antes contempladas mesmo por Heidegger ou Sartre. Ela pensou sobre a ontologia da existência racializada: o que significa ser negro – a experiência vivida do que significa ser um homem negro num contexto colonial e racista. A questão é: haverá aspectos neste momento que precisam de ser pensados de formas novas, ou seremos capazes de os pensar de maneira diferente, mesmo que ainda não tenhamos tido tempo de o fazer?” Ou, colocado de outro modo: é possível pensar no futuro em momentos de crise como este? E como pensamos sobre o futuro?”

Um outro futuro

Tendo registado as abordagens dessa questão por Gilroy e Mbembe, voltamos-nos, para finalizar, para as respostas dos filósofos nesta sala: – Lévy: “Eu tenho passado toda a minha vida pensando no futuro e tentando

detectar a ascensão da luz e da esperança do mais fundo da escuridão, não mais depois do vírus do que antes dele, e recuso essa metafísicação, essa transformação do vírus em uma espécie de evento maiúsculo que rasga a nossa vida em duas.”

– Bhabha: “Nós pensamos sobre o futuro repensando o presente, penso que este é o tipo de momento em que estamos. Trazemos o futuro eticamente para o presente político e reestruturamos o presente por forma a pensarmos proveitosamente o futuro.”

– Sandford: “Não é possível não pensar sobre o futuro. É possível estarmos em desespero sobre o futuro que imaginamos mas, como disse Lévy antes, nós não somos flores, não somos pedras, somos criaturas constitutivamente pensadoras do futuro, não podemos não pensar no futuro. Há uma frase nesta conjuntura que se tornou um slogan para muito mais pessoas do que em Janeiro deste ano: ‘Um Outro Futuro é Possível.’”

Paul Gilroy - Director do ‘Sarah Parker Remond Centre for the Study of Racism and Racialisation’ do University College London. Autor, entre outras obras, de: ‘The Black Atlantic’ (1993) e ‘Anti-Racism & Planetary Humanism’ (2018)

Achille Mbembe - Research Professor do ‘Wits Institute For Social and Economic Research’ da Universidade do Witwatersrand, Johannesburg. Autor, entre outras obras, de: ‘Crítica da Razão Negra’ (2013) e ‘Brutalismo’ (2020)

Bernard-Henri Lévy (BHL) - Nascido na Argélia, o mais proeminente e controverso filósofo francês contemporâneo é também cineasta, jornalista e intelectual público. Foi um dos líderes do movimento ‘Nouveaux Philosophes’ em França, nos anos 70. Autor, entre outras obras, de: ‘Reflexions sur la Guerre, le Mal et la Fin de l’Histoire’ (2001) e ‘The Virus in the Age of Madness’ (2020)

Stella Sandford, Directora da ‘Society for European Philosophy in the UK’. Autora, entre outras obras, de ‘How to Read Beauvoir’ (2006) e ‘Platão e Sexo’ (2010) Homi Bhabha, ‘Anne F. Rothenberg Professor of the Humanities’ da Universidade de Harvard. Autor, entre outras obras, de: ‘The Location of Culture’ (1994) e ‘Our Neighbours, Ourselves – Reflections on Contemporary Survival’ (2011)

ERNESTO LARA FILHO E LUÍS FERNANDO

Cronistas angolanos**merecem estudo em revista internacional**

Consta do número 1, Volume 12, referente ao mês de Agosto de 2020 da revista “Literary Journalism Studies” – “Estudos de Jornalismo Literário – da Associação Internacional para os Estudos de Jornalismo Literário, um estudo (“Memória e Trajectória: Crónica no Mundo de Língua Portuguesa”) da académica portuguesa Alice Trindade, dedicado ao labor cronístico de Ernesto Lara filho e de Luís Fernando. O número em referência da “Literary Journalism Studies” é dedicado ao jornalismo literário na lusofonia. A seguir, condensamos e adaptamos o referido artigo



O **jornalismo literário** é um género que narra acontecimentos verificáveis usando técnicas e estratégias culturalmente significativas para o seu público leitor. Este estudo se concentra em crónicas escritas por dois jornalistas angolanos, Ernesto Lara Filho e Luís Fernando, que, apesar de trabalharem com décadas de diferença, demonstram claramente como o jornalismo literário se adapta às mudanças nas circunstâncias políticas, sociais e económicas.

As crónicas angolanas no presente mostram uma realidade africana definida por personagens e estilos de vida africanos, não europeus: o género pode ser global, mas as personagens, situações e tom dos escritores são locais.

Os dois escritores escolhidos para esta análise viveram e trabalharam separados por mais de um quarto de século, são ambos bem publicados e bem-sucedidos.

Ernesto Lara Filho (1932–1977) escreveu na segunda metade do século XX. Ele nasceu em Benguela em 1932.

A sua família havia chegado do norte de Portugal duas gerações antes. Morreu num acidente de carro aos 45 anos de idade, em 1977, deixando para trás uma aclamada mas também polémica carreira de jornalista e escritor.

O jornalismo de Lara Filho retrata a crise de identidade dos angolanos brancos, que muitas vezes se sentiam pouco à vontade por causa desta dupla pertença. Escreveu sobre as suas próprias dúvidas e sobre as necessidades dos angolanos. Ele muitas vezes se sente um desajustado. De 1956 a 1962 escreveu os textos recolhidos na antologia ‘Crónicas da Roda Gigante’, utilizada para este estudo. O período de seis anos é crucial: este é o período de transição do fim da era colonial para o início da luta aberta pela independência.

Luís Fernando (1961) é um escritor contemporâneo, do final do século XX, início do século XXI. Nasceu em Tomessa, uma pequena aldeia perto da cidade do Uíge. Ele homenageia a sua terra natal num dos seus romances, “Si-

lêncio na Aldeia”. Em 2011 ganhou o Prémio Maboque de Jornalismo. Luís Fernando escreve sobre uma Angola contemporânea e independente, curando as feridas de décadas de guerra e seguindo os seus próprios caminhos num mundo agora globalizado, como exemplificado na sua colectânea de crónicas “Três Anos de Vida”.

Os textos de ambos autores permitem situar a relevância de uma variedade específica de jornalismo literário, aquele que se preocupa com os detalhes e descreve os feitos e as peripécias do angolano comum ao longo de décadas. A escolha do assunto, mais do que as características intrínsecas das pessoas e dos acontecimentos, é o melhor indicador da paisagem mediática contemporânea desses autores e de seus textos.

Politicamente engajado, Ernesto Lara Filho criticava o regime colonial, mas também era um boémio que vivia uma vida de dissipação em desacordo com seus ideais sociais. Os movimentos de libertação angolanos lançaram-se à ofensiva em 1961

e Lara Filho, devido ao seu envolvimento político, teve de ir para o exílio – primeiro Paris e depois Brazzaville, onde trabalhou com o Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA). Foi forçado a regressar a Angola após a morte da irmã – a poetisa Alda Lara – em 1962.

Luís Fernando sente-se totalmente à vontade no seu papel de cronista do angolano contemporâneo e não partilha das questões existenciais ou dos sentimentos de mal-estar de Lara Filho. Relata a vida do seu povo, como voz da memória partilhada, da observação viva do presente e da esperança no futuro.

Ernesto Lara Filho lidou com a sua própria postura dilacerada e atormentada em relação à sua Angola natal: amava o seu país, mas não conseguia se reconciliar com muitos aspectos do seu tempo. Mais recentemente, Luís Fernando olhou atentamente à sua volta e gostou de retratar os tempos de paz recentemente conquistados pelos angolanos, ainda que o quotidiano das pessoas comuns

seja um desafio. Enquanto Lara Filho se debruçou sobre a vida dos seus compatriotas pelas lentes da sua própria vida, o ponto de vista de Luís Fernando veio de dentro, considerando os assuntos de uma forma mais igualitária.

Décadas e duas guerras separam a obra desses autores. No entanto, um tom coloquial de narrativa é encontrado em ambos. A observação, a pesquisa e a descrição de eventos contemporâneos e actuais em relatos detalhados de dentro, tão característicos do jornalismo literário, também estão presentes em ambos. Os pontos de vista diferem por causa da postura autoral, tempo e circunstância, mas em ambos há a riqueza de detalhes.

A linhagem dos seus respectivos estilos de escrita pode variar – Lara Filho prossegue numa linha existente em Portugal há séculos, mas especialmente nos tempos modernos, enquanto Luís Fernando segue claramente as influências latino-americanas. Contudo, ambos têm como tema a vida dos angolanos, no mesmo género jornalístico.

Ernesto Lara Filho escreve

centrado principalmente em si mesmo, seus problemas, dúvidas e sentimento de ser um desajustado, enquanto Luís Fernando trabalha para formular histórias do presente, o que ele e seus conterrâneos testemunham todos os dias em seu redor. Esta é a forma antiga mas renovada de crónica na sua versão Sul Global / Angolana, uma peça escrita que se preocupa principalmente em contar os factos da vida real e em que os eventos e as pessoas são retratados dinamicamente, como se os leitores pudessem vê-los.

A autora do estudo

Alice Trindade é professora associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. É membro fundadora da Associação Internacional para os Estudos de Jornalismo Literário (International Association for Literary Journalism Studies), de que foi presidente entre 2010 e 2012. O texto original e completo do seu estudo em referência pode ser encontrado em https://ialjs.org/wp-content/uploads/2020/08/1-LJS-v12n1_Complete.pdf